A Mulher-Árvore

Texto de José Fanha

Ilustração de Carla Nazareth



EDIÇÃO: Fundação Maria Dias Ferreira
COLEÇÃO: Lendas e Narrativas de Ferreira do Zêzere
AUTORIA: José Fanha
ILUSTRAÇÃO: Carla Nazareth
COORDENAÇÃO: José Afonso Sousa
REVISÃO: Cátia Salgueiro
COLABORAÇÃO: Rute Tavares
DESIGN E PAGINAÇÃO: Sylvie Lopes
IMPRESSÃO E ACABAMENTO: Lab.IPT - oficinas gráficas
ISBN: 978-989-96444-7-2
DEPÓSITO LEGAL: 396031/15
TIRAGEM: 300 exemplares
Ferreira do Zêzere, 2015

O autor escreve em português anterior ao acordo ortográfico de 1990. No entanto, e de acordo com o sugerido pela Fundação Maria Dias Ferreira, aceitou que o texto fosse transposto para as normas do acordo.

A Mulher-Árvore

Inspirado na lenda "A moeda de ouro"

–

Penedo da Bica – Cabreira



A Mulher-Árvore

Texto de José Fanha
Ilustração de Carla Nazareth

Fundação MARIA DIAS FERREIRA



“Vai
ali
uma árvore
a andar!”,

havia de dizer quem a visse caminhando ajoujada
com aquele monte de lenha à cabeça.
Coisa de deixar a boca aberta. Recortada contra
o céu, uma árvore de copa enorme a descer lenta
e pesadamente lá do alto do penedo.

Braçadas e mais braçadas, ramos e raminhos
de carrascos, carvalhos, pinheiros, azinheiras
e sei lá que mais, a fazer duas ou três vezes a altura
de um vivente. Uma molhada e tanto que a Genoveva
ia colher todas as semanas. E quando voltava
para baixo, com aquilo tudo à cabeça, parecia
que pelos caminhos seguia lentamente uma árvore
de ramadas tão largas que até tapavam o sol.

Ao atravessar a Ribeira da Cabrieira, Genoveva tinha que fincar os pés bem fincados nos pedregulhos escorregadios que rasgavam a corrente, senão, escorregadela e, zás-trás-paz!, era mergulho garantido. Depois nem Deus nem o demo haviam de valer-lhe, que aquilo era uma força de água que vinha por ali abaixo entre pedras e rochas aguçadas como facas que haviam de estraçalhar em mil pedaços quem caísse à correnteza.

Mas os pés dela já conheciam bem as agruras do caminho. Pedras e tropeços não lhe faziam mossa. Fincava-se bem.

"Lá vai a atravessar o rio aquela árvore, com raízes viajantes!", haviam de dizer.



Mas não.

Não eram pés de raízes marujinhas, nem tão pouco de senhora da nobreza, mas de pobre mulher do campo. Pés grossos e rijos, nascidos da terra e que à terra um dia voltariam. "E valha-nos Deus, que não seja para já!", murmurava ela, pois tinha 3 filhos rapazinhos ainda para criar.

E lá ia a mulher-árvore, Genoveva, com aquele monte de lenha que havia de cobrir o chão dos animais no curral e, sobretudo, de alimentar o forno do pão, acender o lume da lareira, fazer a sopa e levar calor à casa, aos filhos e ao seu homem.



Ramos e mais ramos atirados para a lareira, alimento das chamas que dançavam nas noites frias, quando todos se chegavam uns aos outros com os dedos a desfazer-se do gelo, as bochechas vermelhuscas e os olhos postos na panela onde fervia a sopa de couves que deitava um cheirinho a prometer consolo de barriga cheia.

O homem sonhava ter mais um filho. Uma filha. Já contavam 3 rapazes. Uma menina é que havia de ser lindo. Mas ele e Genoveva bem sabiam que a sopa era à justa, mal chegava para eles, não dava para mais outra boca.

O inverno passava-se com o céu cinzento e a neve a cobrir os montes. Noites em que o frio apertava e se ouviam os uivos dos lobos que desciam à procura de alimento, rondando os animais de criação, umas poucas galinhas magricelas que ficavam sempre fechadas a sete trancas.

Em casa, à volta do fogo, com aquelas ramarias todas a arder devagar,

Genoveva sabia-se pobre mas sentia-se confortada,
quando se encostava ao homem e puxava para si os 3 pirralhos, como costumava chamar aos filhos.



Na lareira, os ramos da árvore que vinha pelo seu pé desde lá do alto, derramados da cabeça para o chão, alimentavam a cabeleira de fogo que dançava, espalhando sombras bailarinas pelas paredes em redor. E a imaginação fazia inventar bruxas e demónios naquela bailação das chamas.

Em certas noites, entre os raios e coriscos da tempestade que soava lá fora, a porta abria-se de súbito e já ninguém se assustava porque era assim mesmo que a Ti Mariana gostava de aparecer.

"Ti Mariana!",
gritavam os pequenos e corriam para ela a abraçar-lhe as pernas. Apesar de pobre, Genoveva tinha sempre um caldo para oferecer a quem aparecesse. E ainda mais para Ti Mariana, mulher de virtudes várias, sabedora de mistérios muito antigos, parideira, capaz de curar doenças com ervas e benzeduras, e contadora de histórias daquelas de deixar de boca aberta quem as ouvisse.



Fora ela que ajudara Genoveva a pôr cá para fora cada um dos três pirralhos. Por isso todos lá em casa a recebiam como se fosse da família. Já para não falar das histórias que a todos faziam tremer e sonhar.

Sentava-se num banco, afastava as pernas, levava o olhar dos meninos para os pais, dos pais para os meninos, e punha-se a contar histórias.

Contava uma, duas, e todos lhe pediam mais outra e outra.

Ti Mariana não se fazia rogada, continuava até que os olhos começavam a piscar e os meninos lá iam cambaleando para a deita seguidos pelo pai com o corpo a pedir reparo da faina do dia.

Mas Genoveva não. Ela era capaz de passar horas e dias a ouvir contar histórias. Aquelas palavras eram a sua casa mais antiga. Enchiam-na de música. E as que mais gostava eram as que metiam mouras encantadas, tal e qual aquela que um dia, para seu espanto, havia de aparecer mesmo à sua frente.



O inverno era longo, demorava-se tempo de mais por aquelas serras fora. As mãos ficavam gretadas das frieiras e a arca dos enchidos e da carne salgada esvaziava-se depressa.

Um dia, finalmente, o sol aparecia ainda a espreitar a medo lá no alto da Bica da Cabrieira. Punha-se a brilhar e a neve começava a derreter e a encher os rios de uma alegria nova.

As ervas despontavam tenras e verdinhas, as lagartixas acordavam magricelas do seu grande sono, as aves e os passaritos começavam a fazer o ninho.

Tudo renascia.

E Genoveva, quando ia buscar lenha, até parece que voava ao sentir o ar agora doce e morno.





O sol, mais quente, largava uma poalha dourada sobre os campos e beijava longamente todo aquele caminho bordado pelo amarelo da giesta, pelo lilás da urze, pelas uvas a engordarem verdes e mais logo negras nas videiras.

Genoveva ia e voltava com uma alegria nova e intensa no peito. Até a cegarrega dos insetos lhe parecia música, tal qual a do Alberico, tocador de gaita nos dias da festa da Senhora do Monte.

Às vezes, de pura felicidade, olarilólela!, punha-se a dançar no meio das ervas.

Quem passasse por ali havia de dizer que lhe tinha dado a maluqueira. Ou pior ainda, que estava possuída. Mas qual quê!
Aquilo era a natureza a mexer por dentro dela.

Um dia, ao chegar junto do penedo e mal começara a recolher os galhos de lenha, viu aparecer-lhe à frente uma moura. Nem mais nem menos! Uma moura verdadeira. Não daquelas feitas de palavras como as da Ti Mariana. Uma moura que, se não era, parecia mesmo de carne e osso. Vestia uma túnica cor de framboesa com bordados de prata e era a mulher mais bela que alguma vez houvera visto.

"Olá, Genoveva.", disse-lhe a moura com uma voz tão suave como a água da fonte dos quatro caminhos nas noites de verão.

"Tu sabes o meu nome?!", perguntou-lhe Genoveva de boca aberta.

"Sei o nome de toda a gente."

"E tu? Como é que te chamas?", perguntou-lhe Genoveva totalmente tomada pela surpresa.

"Chamo-me Djamilah e preciso que me venhas acudir! Tenho ali em casa a minha irmã que está a morrer de parto.
A criança está entalada e não há maneira de sair cá para fora! Ajuda-me, por favor, vem salvá-la!"



Genoveva tinha visto muitas vezes Ti Mariana a ajudar
as mulheres no trabalho de pôr crianças ao mundo,
mas não percebia onde é que podia estar a irmã da moura
pois nos altos daquela serrania nunca tinha sabido de casa
nenhuma. Ali, apenas animais selvagens, veados, javalis,
lobos, coisa de respeito. Casas, que ela soubesse, nem uma.

Num gesto redondo e largo, Djamilah fez aparecer
na superfície da rocha uma grande porta que
se abriu devagar, rangendo sobre as dobradiças.

"Entra. Vem ver a minha irmã." A boca aberta de espanto
e um pouco a medo, Genoveva entrou atrás da moura e,
lá dentro do penedo, deu com salas e salões, corredores
cheios de ouro, prata, pedras preciosas de todas as cores,
tapeçarias, sedas e veludos pendurados das paredes.

Andaram e andaram, no meio de um brilho que ofuscava,
até chegarem a um quarto muito grande e alto
com mil luzinhas a brilhar no teto azul e águas luminosas
a brotar suavemente de uma fonte.

Na cama, com rosto de muito sofrimento, torcendo
o lençol nas mãos, estava a irmã de Djamilah.

"Esta é Fadilah, a minha irmã.
Salva-a a ela e faz nascer o menino!
Peço-te por favor.",
disse Djamilah.



Assustada com tudo o que via, Genoveva
aproximou-se de Fadilah sem saber o que fazer.

“Tanta riqueza e eu tão pobre!”,
murmurou ela.

“A tua riqueza são os teus braços,
as tuas mãos e o teu coração.”,
respondeu-lhe a moura.

Sem entender as palavras de Djamilah, Genoveva
olhou de novo para a sua irmã sem saber o que fazer
para a ajudar. As suas mãos vinham sujas da terra
e do trabalho e ela tinha medo até tão só de tocar
nos lençóis de seda ou no corpo moreno de Fadilah.

No entanto, lá no fundo do seu coração, mesmo
julgando que não, todas as mulheres, mesmo
as mais pobres, sabem o que é preciso fazer para
que as crianças nasçam e abram o seu choro à vida.

Assim, Genoveva estendeu as suas mãos de terra
sobre o corpo da moura Fadilah e, misteriosamente,
o saber antigo de Ti Mariana desceu sobre ela e,
sem se perceber como, o menino nasceu são e salvo,
sendo logo rodeado de mil pequenas fadas,
que o levaram dali entre as grandes plumas
das aves do paraíso.



Quando Fadilah despertou do primeiro sono reparador, em agradecimento por Genoveva ter feito nascer o seu filho, entregou-lhe como prenda uma cafeteira cheia de brasas queimadas.

"Brasas queimadas?!

Bela moura, estranha recompensa tu me dás. Não ta pedi. Sou apenas uma mulher que ajudou outra mulher. Tu és rica, eu sou pobre e estas brasas só podem vir acrescentar pobreza à minha pobreza..."

Fadilah olhou-a com uns olhos cheios de ternura mas tão cansada estava que logo se deixou adormecer.

Djamilah pegou em Genoveva por um braço e conduziu-a rapidamente para fora dali.

"Vem comigo. Fadilah precisa de descansar."

Ao chegar cá fora, a grande porta fechou-se e o penedo voltou a ser a pedra imensa e dura que sempre fora.



Genoveva olhou com raiva
a cafeteira e virou-a entornando
as brasas que, para seu espanto,
ao tocar o chão se transformaram
em moedas de ouro.

Mas nem teve tempo de se alegrar porque as moedas rodaram e rodaram até desaparecerem no ar.

De olhar esbugalhado, deitando as mãos à cabeça, Genoveva percebeu que as brasas, afinal, eram uma recompensa rica, de princesa, que ela tinha desperdiçado naquele momento.

Espantada e desesperada por ter perdido aquele tesouro, apanhou rapidamente a lenha, pô-la à cabeça e, antes de fugir, ainda ouviu Djamilah dizer-lhe: "Genoveva! Para e ouve! Nem tudo é o que parece! Genoveva..."

Ela já ia longe, descendo a encosta a correr para ir contar ao seu homem a estranha aventura que tinha vivido. E tão depressa seguia naquela aflição que nunca ninguém tinha visto a mulher-árvore a descer tão rapidamente a encosta.



"Ó mulher, o que é que te aconteceu, alminha?",
perguntou-lhe o homem, à porta de casa, ao vê-la chegar
naquela corrida desamparada.

Ainda com a lenha à cabeça e quase sem respiração,
Genoveva mostrou-lhe a cafeteira e contou-lhe o que lhe
tinha acontecido e como tinha ignorado e perdido um
tesouro de moedas de ouro.

"Com aquelas moedas podíamos ter uma vida de menos
canseiras!", chorava-se ela, pensando que tinha deitado fora a
possibilidade de ter uma mesa farta e mais filhos em volta dela.

"Ainda sobrou aqui uma brasa queimada.", disse ele e logo
virou a cafeteira perante o desespero de Genoveva.

A brasa queimada, ao cair no chão, transformou-se,
tal como as outras, numa moeda de ouro. E tal como
as outras desapareceu no ar.

Genoveva e o seu homem abraçaram-se numa imensa
dor partilhada de ver o ouro escapar-se por entre os dedos
e com ele a possibilidade de uma vida melhor.
Assim ficaram muito tempo e foi entre lágrimas que,
às duas por três, os dois sentiram que os ramos de árvore
que Genoveva trouxera à cabeça, tinham começado a cair
lentamente como se fossem flocos de neve muito ligeiros.
Olharam em redor e não estava a nevar nem era tempo disso.
Eram os ramos que caíam da cabeça de Genoveva.

Mas já não eram ramos. Eram palhinhas de ouro que caíam
formando uma leve chuva dourada que os envolveu.



Diz-se que essa chuva desatou o riso dos dois
como nunca tinha sido visto, e uma imensa alegria
envolveu-os em festa a eles, aos três pirralhos,
à Ti Mariana e a muito mais gente, durante vários dias.

Diz-se também que não há maior riqueza no mundo do que um filho. Ou uma filha.

Diz-se ainda que nesse dia nasceu uma sementezinha
no ventre de Genoveva e nove meses depois nasceu-lhe
uma filha a quem ela deu o nome de Djamilah sem
que ninguém soubesse porquê.



GLOSSÁRIO

–

AGRURAS – tristezas.
AJOUJADA – muito carregada.
BENZEDURAS – orações.
CEGARREGA – ruído constante feito pela cigarra.
COPA – a parte de cima da ramada de uma árvore.
CORISCOS – faísca elétrica da atmosfera, acompanhada ou não de trovão.
DESPONTAR – nascer.
ESBUGALHADO – de olhos muito abertos.
ESTRAÇALHAR – destruir.
FAINA – trabalho.
PENEDO – rocha grande.
PIRRALHO – rapaz pequeno.
PLUMAS – penas normalmente de aves grandes.
POALHA – poeira suspensa no ar que espalha a luz.
SÚBITO – repente.
VIVENTE – ser vivo.

LENDAS & NARRATIVAS
DE FERREIRA DO ZÊZERE

COLEÇÃO: LENDAS E NARRATIVAS DE FERREIRA DO ZÊZERE

DESCOBRE UM FABULOSO TESOURO DE LENDAS, CONTOS E HISTÓRIAS
DO CONCELHO DE FERREIRA DO ZÊZERE,
ATRAVÉS DE TEXTOS E ILUSTRAÇÕES INSPIRADOS EM NARRATIVAS
QUE FORAM SENDO TRANSMITIDAS DE GERAÇÃO EM GERAÇÃO.

Fundação MARIA DIAS FERREIRA